

## **Inovação Social e Desenvolvimento Local: um olhar a partir da Grounded Theory**

### **Autoria**

Karen Frances Medroa - Medroa.karen@gmail.com

Prog de Mestr em Admin e Negócios/Faculdade de Admin, Contab e Economia - PPGAd/FACE/PUCRS - Pontifícia  
Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Ana Clarissa Matte Zanardo dos Santos - aclarissa@cpovo.net

Prog de Mestr em Admin e Negócios/Faculdade de Admin, Contab e Economia - PPGAd/FACE/PUCRS - Pontifícia  
Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Ana Clara Aparecida Alves de Souza - clara.ufc@gmail.com

Prog de Mestr em Admin e Negócios/Faculdade de Admin, Contab e Economia - PPGAd/FACE/PUCRS - Pontifícia  
Universidade Católica do Rio Grande do Sul

### **Agradecimentos**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

### **Resumo**

A necessidade de discutir e agir sobre o futuro das cidades está cada vez mais evidente, como se percebe na importância dada por grandes organizações mundiais como a ONU, que dedicou um dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável para cuidar das cidades e comunidades sustentáveis. Diante disso, o objetivo desta pesquisa foi compreender como a inovação social promove o desenvolvimento da comunidade e do entorno onde ela acontece. Para isso, foi realizada uma revisão da literatura sobre inovação social com foco, principalmente, no desenvolvimento local promovido por inovações sociais. A pesquisa, de natureza qualitativa, utilizou a metodologia Grounded Theory, aplicando-a em uma associação cultural localizada no sul do Brasil, que promove a integração entre artistas e empreendedores sociais com a comunidade. A coleta de dados foi realizada a partir de entrevistas semiestruturadas, observações em campo e documentos (vídeos), enquanto que a análise dos dados foi realizada por meio de comparação constante. Os resultados encontrados contribuem academicamente pela proposta de um modelo para analisar a inovação social e o desenvolvimento local, pelo próprio uso da Grounded Theory e pela identificação de novas propriedades da inovação social. Já os resultados gerenciais se resumem à disseminação de práticas colaborativas em empreendimentos sociais e tradicionais.

## Inovação Social e Desenvolvimento Local: um olhar a partir da *Grounded Theory*

### RESUMO

A necessidade de discutir e agir sobre o futuro das cidades está cada vez mais evidente, como se percebe na importância dada por grandes organizações mundiais como a ONU, que dedicou um dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável para cuidar das cidades e comunidades sustentáveis. Diante disso, o objetivo desta pesquisa foi compreender como a inovação social promove o desenvolvimento da comunidade e do entorno onde ela acontece. Para isso, foi realizada uma revisão da literatura sobre inovação social com foco, principalmente, no desenvolvimento local promovido por inovações sociais. A pesquisa, de natureza qualitativa, utilizou a metodologia *Grounded Theory*, aplicando-a em uma associação cultural localizada no sul do Brasil, que promove a integração entre artistas e empreendedores sociais com a comunidade. A coleta de dados foi realizada a partir de entrevistas semiestruturadas, observações em campo e documentos (vídeos), enquanto que a análise dos dados foi realizada por meio de comparação constante. Os resultados encontrados contribuem academicamente pela proposta de um modelo para analisar a inovação social e o desenvolvimento local, pelo próprio uso da *Grounded Theory* e pela identificação de novas propriedades da inovação social. Já os resultados gerenciais se resumem à disseminação de práticas colaborativas em empreendimentos sociais e tradicionais.

**Palavras-Chave:** Inovação social; Desenvolvimento local; *Grounded Theory*; Vila Flores.

### 1 INTRODUÇÃO

Por um longo período, a sustentabilidade foi vinculada apenas às iniciativas ambientais ou de manutenção do crescimento econômico. Entretanto, com o passar do tempo, o pilar que trata das questões sociais começou a ser incluído nas discussões. Um exemplo disso é que, em 1987, a Organização das Nações Unidas (ONU, 2017) lança o Relatório Brundtland, que amplia a visão de desenvolvimento incluindo nas suas estratégias e objetivos, a necessidade de eliminação da pobreza e da vulnerabilidade e o atendimento de necessidades de bem-estar do ser humano. Em suma, o desenvolvimento sustentável deve garantir o crescimento econômico sem se opor ao cuidado com o meio ambiente e à justiça social.

Diversas iniciativas locais e *bottom-up* têm surgido nos últimos anos como uma forma subversiva de enfrentar problemas gerados pelo modelo econômico atual. Alternativas para a mobilidade urbana e ecológica, novas fontes de energia na cidade, agricultura urbana e alimentação saudável, negócios sociais para melhoria de moradias vulneráveis, ocupação dos espaços públicos e de convívio são algumas destas iniciativas. A importância destas iniciativas é reforçada em ambientes onde o Estado de Bem Estar perde força (SWYNGEDOUW, 2005; HEALEY, 2009), as comunidades se encontram em situação de vulnerabilidade (DE MURO; DI MARTINO; CAVOLA, 2007; MEMBRETTI, 2007; NOVY; HAMMER, 2007; WAMUCHIRU; MOULAERT, 2017) ou, ainda, é preciso superar situações de crise e de mudança climática (HILLIER, 2010; RODIMA-TAYLOR, 2012; SCOTT-CATO; PAIDAKAKI; MOULAERT, 2017). As mudanças advindas destas novas iniciativas urbanas têm em comum a alteração da lógica local, promovendo transformações sociais, geográficas e de poder nas cidades e comunidades onde se desenvolvem (GONZALEZ; HEALEY, 2005; LONGO; GEROMETTA; HAUSSERMANN, 2005; NOVY; LEUBOLT, 2005; SWYNGEDOUW, 2005; MOULAERT; MEHMOOD, 2010; MOULAERT; PARRA; SWYNGEDOUW, 2014;).

É neste contexto que o conceito de inovação social apresenta-se como uma possibilidade e explicação das questões destacadas. Mesmo não havendo consenso para sua definição (VAN DER HAVE; RUBALCABA, 2016), a inovação social se distancia da inovação tecnológica por perseguirem objetivos diferentes. Em outras palavras, as inovações sociais procuram a melhoria da qualidade de vida e a geração de capacidades sociais enquanto que as inovações tecnológicas buscam o crescimento econômico (MUMFORD, 2002; CLOUTIER, 2003; MULGAN, 2006; MOULAERT; PARRA; SWYNGEDOUW, 2014; AVELINO *et al.*, 2017).

Uma linha de estudos em inovação social se consolidou com foco no desenvolvimento local (MOULAERT *et al.*, 2005; VAN DER HAVE; RUBALCABA, 2016). Essa linha discute (i) como a inovação social se consolida em ambientes de vulnerabilidade (DE MURO; DI MARTINO; CAVOLA, 2007; KLEIN; TREMBLAY; BUSSIERES, 2010; SCOTT-CATO; HILLIER, 2010; CASSIERS; KESTELOOT, 2012; EDWARDS-SCHACHTER; MATTI; ALCÁNTARA, 2012; EIZAGUIRRE *et al.*, 2012), (ii) qual o papel do espaço (físico e social) nas iniciativas e resultados das inovações sociais (EDWARDS-SCHACHTER; MATTI; MOULAERT *et al.*, 2005; MOULAERT; NUSSBAUMER, 2005; LONGO; GEROMETTA; HAUSSERMANN, 2005; MEMBRETTI, 2007; HEALEY, 2009; ALCÁNTARA, 2012; CASSIERS; KESTELOOT, 2012) e (iii) como os processos de inovação social podem ou não levar a um novo arranjo social – governança participativa (SWYNGEDOUW, 2005; NOVY; LEUBOLT, 2005; LONGO; GEROMETTA; HAUSSERMANN, 2005; NOVY; HAMMER, 2007; HEALEY, 2009; MOULAERT; MEHMOOD, 2010; TAŞAN-KOK, 2010; CASSIERS; KESTELOOT, 2012; EIZAGUIRRE *et al.*, 2012; PARÉS; BONET-MARTÍ; MARTÍ-COSTA, 2012; MOULAERT; PARRA; SWYNGEDOUW, 2014).

Os países em desenvolvimento podem apresentar características diferentes em relação à inovação social, já que os arranjos institucionais são mais fracos e abrem espaço para vazios institucionais, o que permite concluir que países como o Brasil têm potencial para ampliar a compreensão sobre a inovação social considerando o foco do desenvolvimento local. Além disso, pela sua complexidade, ainda há espaço para a realização de estudos empíricos (MOULAERT *et al.*, 2005; DE MURO; DI MARTINO; CAVOLA, 2007; EIZAGUIRRE *et al.*, 2012;). Sendo assim, esta pesquisa procurou compreender o desenvolvimento local a partir de inovações sociais. Portanto, buscou-se responder à seguinte questão de pesquisa: *Como a inovação social promove o desenvolvimento no local onde ocorre?*

Para fins de investigação, foi analisado um caso na cidade de Porto Alegre – Rio Grande do Sul, Região Sul do Brasil. A Associação Cultural Vila Flores - ACVF (referenciada neste trabalho como: Vila Flores) é uma associação sem fins lucrativos que carrega o nome do conjunto arquitetônico onde está situada. A relevância do caso escolhido dar-se na reconfiguração local por ele engendrada em uma região localizada entre vias com limites urbanos e sociais conflituosos: por um lado prostituição, tráfico de drogas, ocupações informais; enquanto que pelo outro lado, tem-se o comércio tradicional de rua, grandes empreendimentos comerciais e apartamentos residenciais de luxo. O Vila Flores se reconhece como uma “entidade responsável pela programação cultural do espaço e pela articulação junto ao poder público, à iniciativa privada e à sociedade em prol dos interesses da comunidade artística e criativa do Vila Flores, buscando promover a integração com a comunidade do entorno” (VILA FLORES, 2019).

Partindo da necessária adequação contextual da inovação social, embora tenha sido realizada uma revisão de literatura sobre o tema, considerou-se mais adequado em vez da aplicação de uma definição oriunda de outros contextos, construir um modelo a partir do caso investigado que pudesse melhor representar a discussão pretendida. Dessa forma, a metodologia da *Grounded Theory* foi utilizada na construção de um modelo teórico, oriundo do caso investigado, que relaciona inovação social e desenvolvimento local. As discussões e resultados

apresentados centram-se nos elementos componentes do modelo, caracterizando a inovação social investigada, a Associação Vila Flores.

## 2 INOVAÇÃO SOCIAL E DESENVOLVIMENTO LOCAL

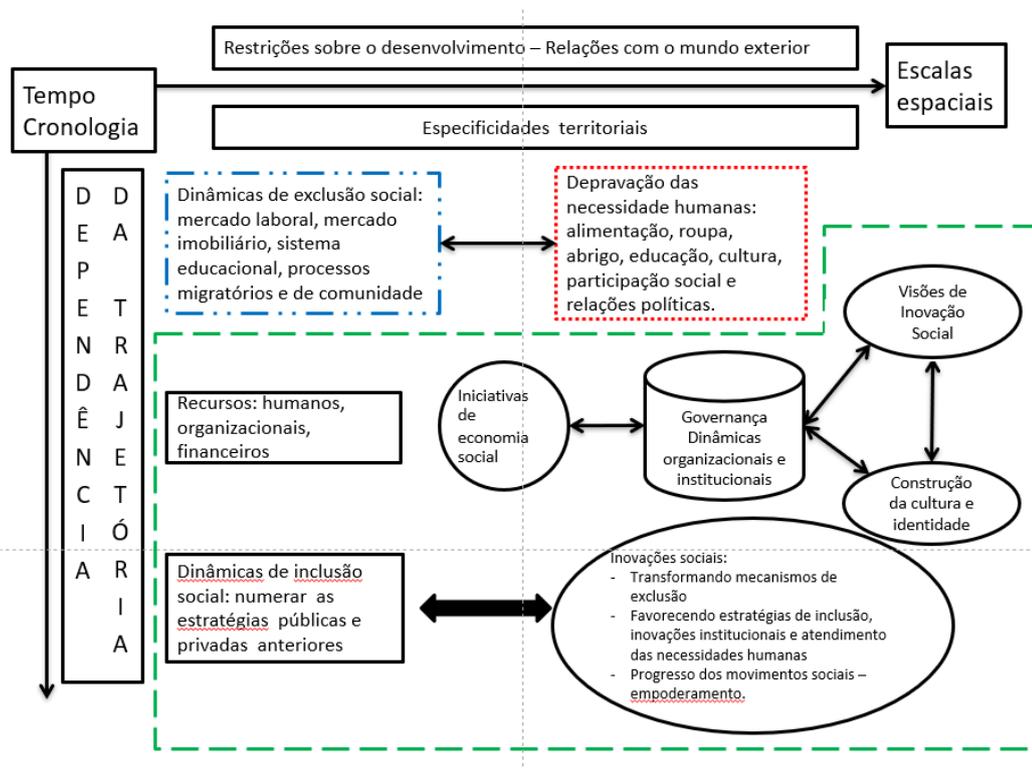
Um dos últimos levantamentos sobre a literatura em inovação social é a revisão sistemática da literatura de Van der Have e Rubalcaba (2016). Eles identificaram a existência de certos agrupamentos de estudos no tema: (1) Psicologia comunitária, (2) Pesquisa criativa, (3) Desafios sociais e societários, (4) Desenvolvimento local. “Todos os quatro clusters parecem estar de acordo em que a inovação social abrange mudanças nas relações sociais, sistemas ou estruturas, embora isso possa ser abordado a partir de diferentes níveis de análise” (VAN DER HAVE; RUBALCABA, 2016, p. 1930). Mas quando se compara o foco de análise, percebe-se que, apenas o Grupo 4 – Desenvolvimento Local, o processo da inovação social ou o resultado da inovação social demonstra maior equilíbrio, não favorecendo processos ou resultados em detrimento do outro.

Um dos principais autores no debate sobre inovação social e desenvolvimento local é Frank Moulaert, que junto com outros pesquisadores (GONZALEZ; HEALEY, 2005; NOVY; LEUBOLT, 2005; SWYNGEDOUW, 2005), dedicou-se à compreensão da inovação social e do desenvolvimento local. Depois de quatro anos de trabalhos liderados por ele no grupo *Social Innovation, Governance and Community Building* – SINGOCOM, surge um Modelo Alternativo de Inovação Local – ALMOLIN (*Alternative Models of Local Innovation*) como “um dispositivo heurístico para analisar modelos alternativos de estratégias inovadoras locais” (EUROPEAN COMMUNITIES, 2007, p. 21).

O ALMOLIN tem caráter interdisciplinar pois é resultado da reflexão sobre teorias de diversas áreas do conhecimento. Assim, o grupo de estudo partiu do Modelo de Desenvolvimento Territorial Integrado (*Integrated Area Development* - IAD), que é uma junção de três teorias: (1) Teoria dos Regimes Urbanos, (2) Teoria da Regulação e (3) Teoria da Economia Política Cultural. Ainda, foram somadas as Teorias da Geografia Relacional e da Política Escalar (MOULAERT *et al.*, 2005; MOULAERT; PARRA; SWYNGEDOUW, 2014). Como resultado da pesquisa, a Figura 1 representa os elementos de inovação social e suas interações numa visão ALMOLIN. Assim, o ALMOLIN traz uma perspectiva holística, dispondo os elementos da inovação social a partir da influência de dois eixos: (1) tempo e (2) espaço. Ou seja, o modelo considera uma perspectiva histórica e a influência da escala espacial (bairro, cidade, região, território) para compreender as dinâmicas da inovação social (MOULAERT *et al.*, 2005).

Dentro desse contexto (tempo e espaço), o modelo apresenta três dimensões de inovação social, que interagem com frequência: (1) Dimensão de Conteúdo e Produto - satisfação das necessidades humanas não atendidas via mercado (.....); (2) Dimensão de Processo - mudanças nas relações sociais e de governança que promovam a inclusão social (— · · —); e (3) Dimensão de Empoderamento – onde o acesso as dimensões (1) e (2) geram capacidades nos sujeitos alterando as relações de poder (— — —) (MOULAERT *et al.*, 2005; EUROPEAN COMMUNITIES, 2007).

Figura 1 - Dinâmicas de inclusão-exclusão social e inovação social



Fonte: Moulaert *et al.* (2005, p. 1982) – Tradução nossa, cores adaptadas.

Com base nisso, pode se dizer que a inovação social proposta pelo SINGOCOM, (i) é dependente da trajetória e do contexto do local; (ii) é principalmente uma inovação de processo, no que se refere as dinâmicas das relações sociais; (iii) é relacionada à inclusão social e à superação das forças coercivas hegemônicas; e (iv) é permeada por uma posição ética de justiça social (MOULAERT *et al.*, 2005). Assim, a visão ALMOLIN para a inovação social é capaz de propiciar aprendizados sobre inclusão urbana e empoderamento cidadão, o papel da governança, cidades como laboratórios vivos, a institucionalização da inovação social, mediação entre os objetivos sociais e os meios sociais, etc. Estes aprendizados estão presentes nos restantes dos artigos revisados.

Um dos principais conceitos levantados pelos autores que estudam o desenvolvimento local é o da governança. Esse conceito está presente em quase todos os artigos lidos e, na mesma edição especial onde Moulaert *et al.* (2005) apresentam o ALMOLIN, outros quatro artigos discutem o conceito (GONZALEZ; HEALEY, 2005; LONGO; GEROMETTA; HAUSSELMANN, 2005; NOVY; LEUBOLT, 2005; SWYNGEDOUW, 2005). A governança surge como uma força capaz de combater a crise do Estado de Bem Estar Social e as forças coercitivas da exclusão social (LONGO; GEROMETTA; HAUSSELMANN, 2005; SWYNGEDOUW, 2005). Os projetos ou movimentos que desejam o desenvolvimento local devem considerar uma colaboração entre Estado – Sociedade Civil – Setor Privado e apoiar as iniciativas lideradas pela própria comunidade (MOULAERT; MEHMOOD, 2010; MOULAERT; PARRA; SWYNGEDOUW, 2014).

Dois elementos recorrentes e interligados na literatura de estudos de desenvolvimento local são o espaço (físico e social) e tempo (cronologia e de trajetória da dependência). O espaço passa a ser entendido como uma construção social que integra a justiça social e política numa determinada área geográfica (MOULAERT; NUSSBAUMER, 2005; HEALEY, 2009). Esses contextos espaciais tomam a forma de cidades, bairros, povoados ou áreas rurais que constituem

“espaços sociais para a inovação” e se incorporam num sistema de inovação (EDWARDS-SCHACHTER; MATTI; ALCÁNTARA, 2012).

Moulaert e Nussbaumer (2005) defendem que uma visão menos instrumental para a inovação social, introduzindo o conceito de comunidade como essencial para entender o espaço. Assim, “elementos específicos (situação geográfica, características socioeconômicas, etnia), bem como elementos simbólicos (religião, valores, identidade, direitos), podem fazer parte do conceito de comunidade” (MOULAERT; NUSSBAUMER, 2005, p. 49). Uma visão instrumentista da inovação social e dos espaços explica porque iniciativas *top-down* de desenvolvimento local não são inovadoras e apenas reproduzem o *mainstream*, sendo falsamente inclusivas (MEMBRETTI, 2007; HEALEY, 2009).

A cidade se estabelece como um terreno fértil para identificar os conflitos sociais ao mesmo tempo, em que são lugares de inovação nas relações e instituições de governança e são as principais arenas dos movimentos sociais e outros experimentos sociais da sociedade civil (LONGO; GEROMETTA; HAUSSERMANN, 2005). A procura por coesão social e o combate à exclusão social, eleva o conceito de cidade ao de um território político e uma arena de conflito político (CASSIERS; KESTELOOT, 2012).

Por fim, outro tema comum na literatura é a vulnerabilidade das comunidades onde as iniciativas de inovação social ocorrem. A vulnerabilidade, neste contexto, é interpretada, como a escassez de produtos (necessidades básicas do ser humano) e das capacidades que o acesso a eles produz (empoderamento). Por outro lado, o empoderamento conversa com a busca da justiça social e da eliminação da exclusão social, já que muitas vezes, o objetivo das iniciativas dos cidadãos não é apenas obter recursos materiais, mas também é redefinir normas e valores que os enraízam na exclusão, reivindicando uma noção de cidadania contra-hegemônica (DE MURO; DI MARTINO; CAVOLA, 2007; KLEIN; TREMBLAY; BUSSIERES, 2010; SCOTT-CATO; HILLIER, 2010; EDWARDS-SCHACHTER; MATTI; ALCÁNTARA, 2012; EIZAGUIRRE *et al.*, 2012; CASSIERS; KESTELOOT, 2012;).

Vale destacar também que, dentre os textos selecionados, a maioria deles discute casos europeus. Entretanto, estudos que descrevem a conjuntura de países em desenvolvimento agregam valor ao destacar como as inovações sociais auxiliam na superação do baixo desenvolvimento que esses países enfrentam, no enfrentamento das mudanças climáticas e na resiliência frente à exclusão social (NOVY; LEUBOLT, 2005; DE MURO; DI MARTINO; CAVOLA, 2007; CARS, 2010; RAHMAN, 2011; RODIMA-TAYLOR, 2012; PAIDAKAKI; MOULAERT, 2017; SULEIMAN; WAMUCHIRU; MOULAERT, 2017). A pouca participação de casos de países em desenvolvimento nos estudos levantados salienta a necessidade de se aprofundar nestes contextos mais vulneráveis, a proposição desta pesquisa se insere nessa identificação.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

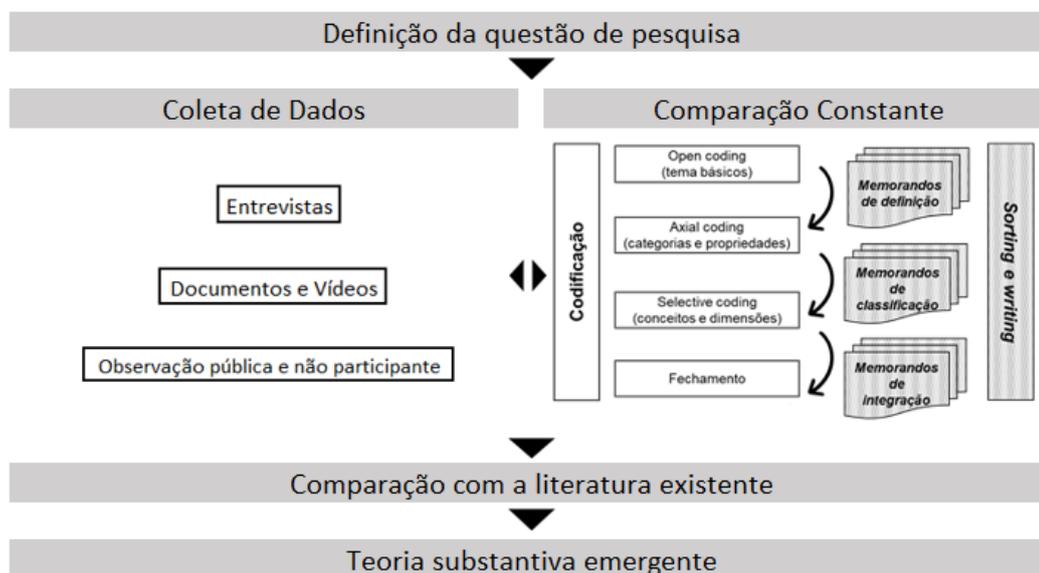
Durante a revisão da literatura, notou-se que há uma predominância de estudos de casos (únicos e múltiplos) nas pesquisas de inovação social e desenvolvimento local (NOVY, 2005; MEMBRETTI, 2007; DE MURO, 2007), o que indica haver espaço para compreender melhor os significados sociais deste campo através de outros métodos de pesquisa. Além disso, esta pesquisa tem caráter indutivo e contextual, ou seja, a revisão teórica cumpre dois papéis fundamentais: (1) ser uma base para a formulação da questão de pesquisa e (2) ser mais uma fonte de coleta de dados.

Como sugerido por Petrini e Pozzebon (2010), entendeu-se que para garantir a qualidade desta pesquisa, não se partiria de um modelo constituído na literatura para após validar sua questão de pesquisa e, sim, que a natureza complexa do campo seria a principal geradora dos *insights* capazes de responder a questão de pesquisa. Desta forma, esta pesquisa adota o método

*Grounded Theory* ou Teoria Fundamentada nos Dados. A *Grounded Theory* é um método de pesquisa qualitativa desenvolvido originalmente por Barney Glaser e Anselm Strauss na década de 1960 como uma forma de ampliar a visão do pesquisador permitindo que ele não se limite a uma abordagem teórica preconcebida (GLASER; STRAUSS, 1967).

Para esta pesquisa, foi seguida a corrente Straussiana. Desta forma, tendo definido o tema da pesquisa e sua questão principal, a aplicação do *Grounded Theory* inicia com a coleta de dados (*data collection*) em suas mais diversas formas. A partir dos primeiros dados coletados, começa a etapa de comparação constante (*constant comparision*) que nada mais é do que o codificar os dados (*coding*) ao mesmo tempo em que faz conclusões sobre eles (*memos*). É importante deixar claro que, diferente de outros métodos, na *Grounded Theory*, a coleta de dados e a análise, por meio da comparação constante, acontecem de forma simultânea, conforme Figura 2.

Figura 2 - Passos para execução da *Grounded Theory*



Fonte: elaborada pelas autoras (2019)

Como sugerido por Yin (2005), para garantir a confiabilidade do estudo qualitativo, foram seguidos três princípios essenciais de coleta de dados: (i) utilizar várias fontes de evidências (Triangulação); (ii) criar um banco de dados para o estudo (Banco de dados); e (iii) manter o encadeamento de evidências (Protocolos).

As entrevistas semi-estruturadas representam a principal fonte de coleta de dados desta pesquisa, já que o ponto de vista dos entrevistados é melhor expresso em situações de entrevistas mais flexíveis (em relação à aplicação, linguagem e vocabulário) do que em ambientes estritamente planejados (entrevistas padronizadas ou questionários) (SOMMER; SOMMER, 2002). As entrevistas ocorreram de forma presencial com membros do Vila Flores e da comunidade com o auxílio de um protocolo de pesquisa durante novembro de 2018 e fevereiro de 2019. As entrevistas foram aplicadas de forma flexível como sugere Strauss e Corbin (2008). Foram realizadas um total de dez entrevistas, incluindo o que se classificou como: protagonistas, parceiros estratégicos e comunidade local).

A observação em pesquisas qualitativas é comum e essencial para a pesquisa, pois permite captar informações através da aplicação de sentidos humanos e complementar os dados coletados por outras técnicas (GIL, 2010). Nesta pesquisa foi realizada a observação pública (os atores observados estavam cientes da presença e da motivação das pesquisadoras) e não

participante (as pesquisadoras se abstiveram de intervenções no campo observado). Assim, a observação foi realizada em dois ambientes diferentes (i) eventos promovidos pelo Vila Flores e (ii) visitas ao Vila Flores e ao bairro. Após cada observação, foram realizadas notas de campo com os principais fatos, sensações e *insights*. Os documentos utilizados na pesquisa foram indicados e fornecidos voluntariamente pelos entrevistados após a entrevista e são apresentados no Quadro 1.

Quadro 1 – Documentos utilizados na pesquisa

Documento	Link de Acesso
WEBDOC – Vila Flores Território e Memória	<a href="https://vimeo.com/303764331">https://vimeo.com/303764331</a> <a href="https://vimeo.com/303765097">https://vimeo.com/303765097</a> <a href="https://vimeo.com/303766049">https://vimeo.com/303766049</a> <a href="https://vimeo.com/303809255">https://vimeo.com/303809255</a>
ÉTAPE #5 BRÉSIL: Vila Flores, quando um espace privé devient une agora pour la ville	<a href="https://www.facebook.com/WidexOpen/videos/553135535186041">https://www.facebook.com/WidexOpen/videos/553135535186041</a>
ITW #5 Antonia Wallig & Joao Felipe Wallig / Co-foundateurs de Vila Flores / Co-fundadores da Vila	<a href="https://www.facebook.com/WidexOpen/videos/298123627538055">https://www.facebook.com/WidexOpen/videos/298123627538055</a>
Projeto Skate na Vila	<a href="https://www.instagram.com/p/BtmELTKFyul/?utm_source=ig_web_button_share_sheet">https://www.instagram.com/p/BtmELTKFyul/?utm_source=ig_web_button_share_sheet</a>
Vila Flores – institucional	<a href="https://vimeo.com/242759726">https://vimeo.com/242759726</a>

Fonte: Dados da Pesquisa (2019).

### 3.1 O caso em análise

A constituição do Vila Flores no formato existente nasce com a retomada patrimonial pelos proprietários no início da década de 2010, já que os prédios se encontravam em situação de abandono e sobre ocupação ilegal. Desde a remoção dos moradores ilegais, o Vila Flores tem sofrido diferentes intervenções arquitetônicas com o objetivo de tornar um espaço seguro e totalmente ocupado, sem perder suas características arquitetônicas de 1925. O Vila Flores foi projetado pelo arquiteto alemão Joseph Lutzenberger, responsável por outros prédios icônicos da cidade de Porto Alegre, e é composto por três prédios e um grande pátio central que integra o conjunto. Apesar de estar sempre em transformação e do projeto arquitetônico estar ainda em andamento, desde 2013 o espaço serve como local para a realização de atividades socioculturais, espaço de trabalho de dezenas de artistas e empreendedores criativos, por eles mesmos autodenominados “residentes” ou “vileiros”.

A iniciativa possui quatro eixos norteadores de suas atividades (i) Arte e Cultura – Artes Visuais, Artes Cênicas, Audiovisual, Música, entre outros; (ii) Educação – cursos, oficinas, seminários e encontros para troca de conhecimentos e experiências; (iii) Empreendedorismo – incentivo aos produtores locais e iniciativas que fazem a conexão entre negócios criativos, sociais e colaborativos; e (iv) Arquitetura e Urbanismo – fomento ao debate sobre questões urbanas e promoção de atividades para a concretização de projetos cujo objetivo é a melhoria da vida na cidade.

Sobre o território do Vila Flores é importante entender que ele está localizado na Rua São Carlos esquina com a Rua Hoffmann, no bairro Floresta, em Porto Alegre (Rio Grande do Sul). O bairro Floresta, por sua vez, tem histórico industrial e operário e por ele passam três vias importantes da cidade. Ressalta-se que a cidade de Porto Alegre já foi alvo de estudos em inovação social por possuir um histórico de implementação de atividades do tipo, por exemplo o Orçamento Participativo Municipal, onde a sociedade civil define os critérios e as prioridades de distribuição do orçamento da cidade (NOVY; 2005). Atualmente, a cidade passa por um período de deterioração como consequência da crise política e fiscal que atinge tanto o governo

estadual quanto o governo municipal. Assim sendo, o contexto forneceu evidências iniciais para poder considerar o Vila Flores como uma inovação social dentro dos critérios sugeridos por Moulaert *et al.* (2005). O Quadro 2 resume essas evidências iniciais associadas às dimensões do ALMOLIN.

Quadro 2 – Evidências iniciais do caso associadas às dimensões do ALMOLIN

Dimensões ALMOLIN	Evidências
Path dependency	Crise econômica e política da cidade; Porto Alegre cidade inovadora social - Orçamento Participativo
Especificidades espaciais	Bairro Floresta como bairro em conflito
Conteúdo e Produto	Acesso a arte e cultura; Promove o empreendedorismo
Processo	Melhoria da vida da cidade; Inclusão da Vila dos Papeleiros
Empoderamento	Fomento a discussão das questões urbanas e de educação; Integração com outros agentes sociais (ONGs, Prefeitura; Governo do Estado; etc)

Fonte: Elaborada pelas autoras (2019)

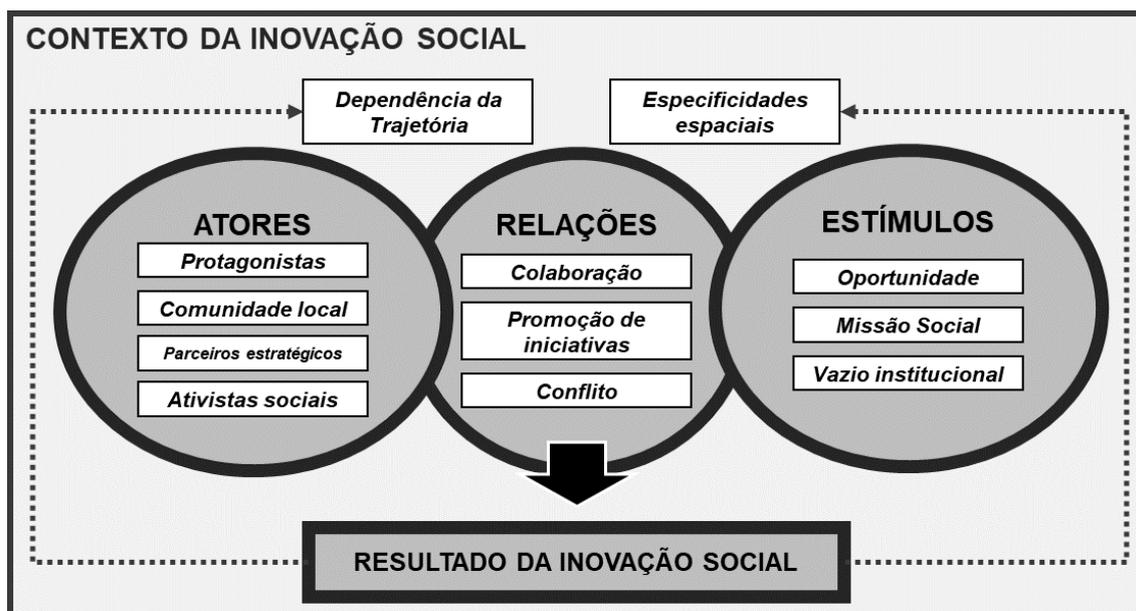
Para completar essas evidências, o trabalho de campo foi iniciado antes da fase formal de coleta de dados, por meio de visitas ao Vila Flores, participação e observação dos eventos promovidos e, finalmente, conversando informalmente com a gestora cultural da associação em março de 2018. Esta fase exploratória, principalmente a conversa com a gestora cultural, foi importante para o andamento da pesquisa pois forneceu robustez a escolha do Vila Flores como caso de estudo, facilitou a construção de um roteiro inicial de entrevista ao mesmo tempo que abriu o contato com outros entrevistados.

#### 4 RESULTADOS

Na finalização da etapa de codificação sistemática das informações, conforme Figura 2, foi possível construir uma teoria substantiva emergente dos dados (GLASER; STRAUSS, 1967; CHARMAZ, 2006;), representada pelo modelo apresentado na Figura 3 que ilustra os principais elementos que emergiram do campo e se consolidaram ao longo do processo de análise

A teoria substantiva gerada nesta pesquisa deve ser capaz de promover a compreensão de como a inovação social promove o desenvolvimento no local onde ocorre a partir do contexto e da identificação dos atores envolvidos no processo, das formas de relação entre os atores e dos resultados destas interações. Estes elementos compõe as categorias e propriedades do modelo proposto e servem como mecanismo de compreensão de um fenômeno de inovação social com foco em desenvolvimento social. Para isso, foram utilizados como principal fonte de dados os memorandos escritos durante o processo de análise de dados.

Figura 3 – Modelo Dinâmico de compreensão da Inovação Social e Desenvolvimento Local



Fonte: Elaborado pelas autoras (2019)

A Figura 3 é um modelo dinâmico composto por cinco categorias: (i) contexto da inovação social, (ii) atores da inovação social, (iii) estímulos da inovação social, (iv) relações entre os atores e (v) resultado da inovação social. Este modelo busca apontar a influência do contexto da inovação social na atuação dos atores envolvidos e nos estímulos para a inovação social. Esta influência se apresenta através da dependência da trajetória e das especificidades locais. A presença destes atores no contexto, combinada com os estímulos para a inovação social, dá origem a inovação social *per se*. O ator da inovação social constrói relações diferentes com cada tipo de agente envolvido no processo, destas relações surge o resultado da inovação social. O resultado da inovação é o preenchimento dos vazios institucionais ao mesmo tempo que gera o empoderamento dos agentes.

A seta que une o resultado com o contexto, exemplifica o dinamismo do modelo, já que o empoderamento gerado pelas relações de inovação social retroalimentam o ciclo, modificando o contexto da inovação social, construindo uma nova realidade ao longo do tempo e podendo, assim, até alterar o perfil dos atores e os estímulos da inovação social. Os elementos do modelo serão melhor destacados nas seções destinadas a este fim, iniciando pelo “Contexto da Inovação Social”.

#### 4.1 Contexto da Inovação Social

O contexto confere sentido e organiza os elementos da inovação social, constituindo o meio que permeia um processo de inovação social. O contexto da inovação social pode ser compreendido por meio de duas propriedades: (i) dependência da trajetória e (ii) especificidades espaciais. Neste sentido, ao confrontar os dados analisados com a literatura existente, essas propriedades compõem o ALMOLIN e “referem-se à importância das definições “holísticas” e teorias de exclusão e inclusão social e economia social, que adotam uma perspectiva histórica e reconhecem a especificidade espacial” (MOULAERT *et al.*, 2005, p. 18).

A **dependência da trajetória** é um termo dado para “uma ferramenta analítica para entender a importância de sequências temporais e do desenvolvimento, no tempo, de eventos e processos sociais” (BERNARDI, 2012). Nesse sentido, os agentes da inovação social e seus comportamentos dentro dos arranjos institucionais são consequência da história do local. Como reforçam Moulaert, Parra & Swyngedouw (2014, p.15), “as condições iniciais de

desenvolvimento de uma localidade ou de um bairro têm uma influência determinante em seu potencial de desenvolvimento e de inovação social”.

O Bairro Floresta, com o início da urbanização acelerada pelo trânsito do bonde que circulava nas proximidades, passou a ter características industriais e operárias, tanto que foi conhecido como “o bairro das chaminés”, pois lá se instalaram grandes indústrias de cervejas, camas, fogões, pregos, etc. (FRANCO, 1992). Este tipo de concentração econômica, deu origem à construção de residências destinadas a abrigar operários e suas famílias. O Vila Flores é construído na década de 1920 para atender essa demanda. Ao logo do tempo, a degradação econômica do Bairro aliada à consequente degradação do espaço físico, levou ao surgimento de novos atores, que desta vez se apresentam como marginalizados da sociedade, como é o caso das prostitutas e dos catadores de resíduos.

No que diz respeito às **especificidades espaciais**, para a pesquisa realizada, o espaço de análise que contextualiza o Vila Flores é o Bairro Floresta, na cidade de Porto Alegre. Esse bairro faz parte da região central da cidade, concentra aproximadamente 1% dos habitantes da cidade com um perfil de renda de até seis salários mínimos por responsável pelo domicílio conforme dados do Observatório da Cidade de Porto Alegre (2019).

Quando se trata de inovação social é preciso entender o espaço não só como espaço físico, mas principalmente como uma construção social (MOULAERT *et al.*, 2005; NOVY; LEUBOLT, 2005; MOULAERT; MEHMOOD, 2010). Ao selecionar os entrevistados para esta pesquisa, ficou claro que existia dentro da comunidade local grupos sociais diversos convivendo no mesmo espaço físico. Considerando isso, foi possível identificar que dentro do bairro Floresta existem múltiplos territórios: território do comércio de rua, território do tráfico, território dos catadores, território da prostituição, território dos travestis e território dos moradores conservadores. Esses múltiplos territórios têm sua própria cultura e, portanto, além de delimitar o perfil dos agentes da inovação social, se relacionam com os estímulos da inovação no momento em que cada território é afetado pelos vazios institucionais de forma diferente possuindo, assim, necessidades não atendidas diversas e em graus distintos.

## 4.2 Atores

Os atores da inovação social são todos os indivíduos, organizações ou instituições que, influenciados pelo contexto, de alguma forma interagem por meio de relações de inovação social. Cada perfil de ator possui uma relação diferente com o protagonista da inovação social e, também, se relacionam entre eles. Desta forma, os atores da inovação social podem ser divididos em quatro perfis: (i) protagonistas da inovação social, (ii) comunidade local, (iii) parceiros estratégicos e (iv) ativismos sociais.

No que diz respeito aos **protagonistas da inovação social**, ressalta-se que o regente é o promotor e idealizador da inovação social. Sustentando suas ações na sua missão social, é ele quem direciona e integra os esforços da inovação social. Para entender esse direcionamento, faz-se necessário reforçar os quatro eixos norteadores do Vila Flores: i) Arte e Cultura – eventos e projetos de Artes Visuais, Artes Cênicas, Audiovisual, Música, entre outros; (ii) Educação – cursos, oficinas, seminários e encontros para troca de conhecimentos e experiências; (iii) Empreendedorismo – incentivo aos produtores locais e iniciativas que fazem a conexão entre negócios criativos, sociais e colaborativos; e (iv) Arquitetura e Urbanismo – fomento ao debate sobre questões urbanas e promoção de atividades para a concretização de projetos cujo objetivo é a melhoria da vida na cidade. Os outros protagonistas são atores que colocam em prática as ações da inovação social. Como introduzido antes, no caso do Vila Flores são os “vileiros”, artistas e empreendedores de diversas áreas que alugam espaços de trabalho no Vila Flores. Hoje, são mais de 100 “vileiros” reunidos em 41 iniciativas e projetos, exemplo de diversidade e de espaço democrático.

A **comunidade local** da inovação social são os agentes que coexistem no espaço da inovação social e que, diferente dos protagonistas, necessariamente estavam lá antes da inovação social surgir. Os “vileiros”, por exemplo, na sua maioria são moradores de outros bairros da cidade, não sendo considerados parte da comunidade local. Dessa forma, é possível identificar que a comunidade local é dividida entre atores tradicionais, representados pela vizinhança do Vila Flores, e por atores marginalizados, que são os catadores de lixo, usuários de drogas e quem trabalha com prostituição. Estes, exatamente por serem indivíduos em situação de vulnerabilidade, são público da inovação social, tendo relação com o Vila Flores através de atividades criadas em parceria com Centro Social Marista Ir. Antônio Bortolini (CSM, 2019), que atua no Loteamento. As prostitutas também são consideradas exemplos de comunidade local marginalizada, embora a relação do Vila Flores com elas ainda não seja muito próxima.

Os **parceiros estratégicos** da inovação social são atores independentes que interagem com os protagonistas da inovação social através de ações construídas em conjunto e motivados por uma missão social em comum. Além de serem parceiros, a palavra “estratégicos” foi inclusa na definição para diferenciar de atores financiadores ou instituições públicas que não transformam o arranjo da inovação social. Um dos parceiros é o CSM que, juntamente com a creche marista, possui forte vínculo com a comunidade do Loteamento Santa Terezinha e cumpre o papel de liderança comunitária. Atuando na comunidade desde 2007 e atendendo mais de 120 crianças e adolescentes entre 6 e 14 anos, a parceria com o CSM é relevante para o Vila Flores, pois possibilita a realização das atividades e obtenção de resultados por se tratar de uma comunidade vulnerável. Outro parceiro é a ONG Mulher em Construção, uma organização que forma mulheres para o mercado da construção civil com o objetivo de promover o empoderamento feminino e reduzir as desigualdades de gênero. A ONG e o Vila Flores começaram a atuar em conjunto quando ambos identificaram que poderiam ter uma relação ganha-ganha, pois, o Vila Flores precisava realizar reformas prediais enquanto que a ONG buscava um lugar para colocar em prática seus cursos de formação.

Os **atores ativistas sociais** se relacionam com a inovação social pela promoção de atividades em conjunto que estejam alinhadas à missão social do regente da inovação social. No caso do Vila Flores, o ativismo social se apresenta em intensidades diferentes nos empreendimentos dos “vileiros”. Todas as iniciativas e coletivos que residem no Vila Flores estão ligadas direta ou indiretamente a algum tipo de ativismo social. Além disso, o Vila Flores não só acolhe iniciativas deste tipo, como também incentiva e provoca discussões de novas causas, se mantendo sempre aberto a ouvir as necessidades da sociedade. A ligação do Vila Flores com os ativismos sociais levanta uma característica das inovações sociais que é a contraposição aos poderes hegemônicos (MOULAERT *et al.*, 2005). Nesse sentido, sua aproximação com estes ativismos se traduz no empoderamento de grupos sociais excluídos, que agora encontram um espaço acolhedor e incentivador para debater suas questões.

### 4.3 Relações

A forma em que se constituem as relações entre os atores da inovação social é o que permite compreender o processo da inovação *per se*, já que tendo como *input* os estímulos do contexto local, surgem os resultados da inovação social. Estas relações podem ser intencionais ou não por parte dos atores.

Uma inovação social que não promove práticas colaborativas para entender o contexto onde está inserida, para daí sim realizar ações que realmente preencham os vazios institucionais, não é uma inovação social efetiva (NOVY; LEUBOLT, 2005; TAŞAN-KOK, 2010). Nesse sentido, as **relações colaborativas** são vistas num sentido mais amplo, se apresentando tanto

na forma de gerenciar o empreendimento social, como na constituição das parcerias estratégicas.

Hoje, no Vila Flores, a gestão se divide em (i) parte patrimonial, onde a família proprietária tem a responsabilidade da manutenção e da restauração arquitetônica ao mesmo tempo em que arrecada o aluguel dos “vileiros”; e (ii) parte da associação cultural, que promove os eventos culturais, de educação e empreendedorismo que ocorrem no local e onde a fonte de renda se concentra nos ganhos dos eventos e na participação de editais. Porém, desde sua reconstituição, a gestão já teve diversos formatos, intercalando momentos de horizontalização e verticalização e com maior ou menor participação dos “vileiros” na mesma.

As relações de **promoção de iniciativas** se dividem em duas dimensões: (i) pioneirismo (promover pelo exemplo) e (ii) poder catalizador (dar voz aos excluídos). No caso do Vila Flores, promover outras iniciativas com alinhamento a sua missão social pelo exemplo é uma relação não intencional. Com isso, se quer dizer que, o Vila Flores acabou se tornando referência na cidade de práticas colaborativas e de inovação social em si, sem isso estar no seu planejamento inicial ou na sua estratégia norteadora. Hoje, seu pioneirismo atrai novas iniciativas (culturais e empreendedoras) ao bairro Floresta. Antes da sua existência, já existiam atores com esse perfil empreendedor e artístico na região, mas a vizinhança percebe um aumento dessas iniciativas após a reconstituição do Vila Flores. Seu poder catalizador fica mais evidente nas relações construídas com os atores ativistas sociais, que se sentem acolhidos no espaço do Vila Flores para, não só idealizar iniciativas, como para ampliar suas atividades e visibilidade através de eventos e debates promovidos e realizados no Vila Flores.

No Vila Flores, os vizinhos entrevistados relataram sentir benefícios pessoais e para a comunidade após o surgimento do Vila Flores. Porém, eles mesmos retrataram alguns **conflitos** em que uma parcela da vizinhança não consegue compreender o trabalho que o Vila realiza na comunidade. Desta forma, com a realização de eventos culturais, muitos deles envolvendo música, alguns vizinhos passaram a se sentir afetados pelo som, associando o Vila Flores a “barulho”.

Quando se trata da comunidade local marginalizada, o fluxo de pessoas que circulam no bairro aumentou após a revitalização do Vila Flores, principalmente em dias de eventos. Quem consome prostituição procura zonas reservadas e com baixa movimentação para manter a discricção, desta forma o trabalho das prostitutas acaba sendo afetado. O Vila Flores tenta mitigar este conflito ao divulgar a programação mensal nas paredes externas ao prédio.

Concordando com Moulaert *et al.* (2005) o desenvolvimento local deve ser cada vez menos entendido como uma questão de rendimentos e de capacidade de consumo, passando a focar sobretudo na promoção de mudanças estruturais que promovam a capacidade dos atores no sentido de encontrar soluções para os problemas que enfrentam. Por isso, o empoderamento gerado a partir da satisfação das necessidades humanas é o grande ganho de um processo de inovação social como foco no desenvolvimento local, já que é ele que permite que os atores da inovação social passem a influenciar o contexto local, retroalimentando o ciclo da inovação.

#### 4.4 Estímulos

Diferente das inovações tecnológicas que se originam a partir de orientações mercadológicas, as inovações sociais buscam resolver adversidades que não são resolvidas via mercado. Por isso, os estímulos são os elementos que, conjugados, explicam porque uma inovação social dentro de certo contexto ocorre.

Os **estímulos por oportunidade** são aqueles que, dada a história e as especificidades espaciais de um contexto, já existem num espaço e são aproveitados pela inovação social, facilitando a constituição de seus processos. Desta forma, este tipo de estímulo favorece ou acelera um processo de inovação social. Quando comparado com a revisão de literatura, não se

identificou esta propriedade. No caso desta pesquisa, a história do prédio onde está instalado o Vila Flores é um exemplo de aproveitamento de uma oportunidade por parte do regente da inovação social. Na planta original dos prédios já eram considerados espaços de uso comum, como banheiros e cozinhas, além das sacadas estarem voltadas para o pátio interno (que ocupa boa parte do terreno), sugerindo uma interação maior entre os vizinhos. Além disso, tinha uma área destinada a um galpão de uso comercial e que, hoje, é utilizado como espaço comum para eventos. Então, o Vila Flores de hoje é uma releitura contemporânea das práticas colaborativas originais do prédio.

Os estímulos relativos à **missão social** referem-se a um olhar para o empreendedor social como indivíduo com motivações pessoais para empreender. Ou seja, não basta haver uma oportunidade para inovar socialmente, alguém deve tomar a liderança de aproveitar essa oportunidade. O empreendedor social, então, é movido por uma missão social, um propósito que explica a sua razão de ser, dando-lhe a disposição e a energia necessária para enfrentar a trajetória. Sem a missão social, a inovação social não consegue ser implementada.

No caso do Vila Flores, a família proprietária é o empreendedor social. Como os membros da família não residiam mais em Porto Alegre, eles podem ser considerados membros de fora da comunidade. Por isso, a missão social cumpre um papel mais relevante, já que realmente teve que surgir uma motivação pessoal forte para motivar os esforços de realizar o empreendimento. Hoje, apesar da gestão da Associação ser profissional, a família tem forte influência no formato do Vila Flores. O pai da família é residente do complexo e os filhos dividem a gestão da parte patrimonial e da Associação cultural.

É necessário entender as adversidades que a inovação social tenta resolver. Essas adversidades são tanto a não satisfação de necessidades humanas, quanto as dinâmicas de exclusão social provocadas pelos vazios institucionais. Os **vazios institucionais** ocorrem quando as instituições não cumprem seu papel por estarem ausentes ou manterem vínculo fraco com a sociedade civil, gerando desigualdade social (AGOSTINI; VIEIRA; BOSSLE, 2016).

Como o próprio modelo ALMOLIN sugere, a degradação do estado de bem-estar aliada à crise das instituições públicas pode acentuar as desigualdades e é isso que se identificou no contexto do Vila Flores. No enfoque das necessidades não atendidas via Estado e mercado, notou-se que havia no contexto uma necessidade por consumir e produzir cultura, os vizinhos entrevistados ressaltaram como ficaram felizes no prédio abandonado estava surgindo um polo cultural. Além disso, a quantidade de “vileiros” que possuem empreendimentos sociais sugere que havia uma necessidade em empreender de forma colaborativa, através de rede e não de competição como normalmente é num sistema capitalista tradicional. No caso do Vila Flores, a percepção geral dos entrevistados é que o Vila Flores realmente consegue promover o desenvolvimento do bairro através de suas ações em seus quatro eixos norteadores.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os *insights* que emergiram dos dados no caso do Vila Flores, se consolidam no Modelo Dinâmico de Compreensão da Inovação Social e Desenvolvimento Local. Em síntese, o Vila Flores é uma inovação social produto de uma família com uma missão social, que teve visão para juntar a oportunidade de um imóvel abandonado com as carências decorrentes dos vazios institucionais no bairro Floresta. Ao longo do tempo, o Vila Flores foi construindo e estreitando relações de colaboração e promoção de iniciativas com diversos atores, sendo eles os “vileiros”, os vizinhos tradicionais, os moradores do Loteamento Santa Terezinha, o CSM, a ONG Mulher em Construção e os mais diversos representantes de ativismos sociais da cidade. Apesar dos esforços para acolher todos os agentes, o Vila Flores também se relaciona com a comunidade local através de dinâmicas conflituosas.

A aplicação de *Grounded Theory* nesta pesquisa evidencia a riqueza da emergência da teoria substantiva a partir da prática, conseguindo complementar categorias já existentes em outros modelos. A partir do confronto com modelos propostos na literatura que direcionam sua análise nas instituições, foi possível incorporar propriedades que analisem os agentes da inovação social a partir de um olhar do indivíduo (missão social e perfil dos agentes).

Em relação às contribuições gerenciais, o caso do Vila Flores demonstrou ao empreendedor social a importância de realizar parcerias estratégicas para potencializar o alcance do seu empreendimento. A implementação de práticas colaborativas, que permeiam todo o processo de inovação social, permitem a transformação constante do direcionamento das ações realizadas, ao mesmo tempo em que modificam a gestão dos agentes que se relacionam com a inovação social. Isto sugere, que estas práticas, que se opõem às práticas tradicionais de competição, possam incrementar resultados não só em empreendimentos sociais como também em empreendimentos tradicionais.

## REFERÊNCIAS

- AGOSTINI, M. R.; VIEIRA, L.; BOSSLE, M. B. Social innovation as a process to overcome institutional voids: a multidimensional overview. **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, v. 17, n. 6, p. 72-101, 2016.
- AVELINO, F. *et al.* Transformative social innovation and (dis)empowerment. **Technological Forecasting and Social Change**, v. 1, p. 1–12, 2017.
- BERNARDI, B. B. O conceito de dependência da trajetória (path dependence): definições e controvérsias teóricas. **Perspectivas: Revista de Ciências Sociais**, v. 41, 2012.
- CASSIERS, T.; KESTELOOT, C. Socio-spatial Inequalities and Social Cohesion in European Cities. **Urban Studies**, v. 49, n. 9, p. 1909–1924, 2012.
- CHARMAZ, K. **Constructing grounded theory: A practical guide through qualitative analysis**. Sage, 2006.
- CLOUTIER, J. **Qu'est-ce que l'innovation sociale ?** 314 Cahier ed. [s.l.] CRISES, 2003, 2003.
- CSM. **Quem somos**. Centro Social Marista Ir. Antônio Bortolini. Disponível em: <https://social.redemarista.org.br/centro/ir-antonio-bortolini/sobre>. Acesso em: 01 mar 2019.
- DE MURO, P.; DI MARTINO, P.; CAVOLA, L. Fostering participation in Scampia: Let's make a piazza. **European Urban and Regional Studies**, v. 14, n. 3, p. 223–237, 2007.
- EDWARDS-SCHACHTER, M. E.; MATTI, C. E.; ALCÁNTARA, E. Fostering Quality of Life through Social Innovation: A Living Lab Methodology Study Case. **Review of Policy Research**, v. 29, n. 6, p. 672–692, 2012.
- EIZAGUIRRE, S. *et al.* Multilevel Governance and Social Cohesion: Bringing Back Conflict in Citizenship Practices. **Urban Studies**, v. 49, n. 9, p. 1999–2016, 2012.
- EUROPEAN COMMUNITIES. **Social innovation , governance and community building - SINGOCOM - Final Report**. EU RESEARCH ON SOCIAL SCIENCES AND HUMANITIES. Luxemburg.
- FRANCO, S. C. **Porto Alegre: Guia Histórico**. 2º edição. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1992. p. 163-167
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GLASER, B.; STRAUSS, A. **The discovery of grounded theory**. New York: Aldene de Gruyter, 1967. 271p.
- GONZALEZ, S.; HEALEY, P. A Sociological Institutional Approach to the Study of Innovation in Governance Capacity A Sociological Institutional Approach to the Study of Innovation in Governance Capacity. **Urban Studies**, v. 42, p. 2055–2069, 2005.
- HEALEY, P. City regions and place development. **Regional Studies**, v. 43, n. 6, p. 831–843,

2009.

KLEIN, J. L.; TREMBLAY, D. G.; BUSSIERES, D. R. Social economy-based local initiatives and social innovation: a Montreal case study. **International Journal of Technology Management**, v. 51, n. 1, p. 121, 2010.

LONGO, G.; GEROMETTA, J.; HAUSSERMANN, H. Social Innovation and Civil Society in Urban Governance : Strategies for an Inclusive City. **Urban Studies**, v. 42, n. 11, p. 2007–2021, 2005.

MEMBRETTI, A. Centro Sociale Leoncavallo: Building citizenship as an innovative service. **European Urban and Regional Studies**, v. 14, n. 3, p. 252–262, 2007.

MOULAERT, F. *et al.* Towards Alternative Model(s) of Local Innovation. **Urban Studies**, v. 42, n. 11, p. 1969–1990, 2005.

MOULAERT, F.; MEHMOOD, A. Analysing regional development and policy: A structural-realist approach. **Regional Studies**, v. 44, n. 1, p. 103–118, 2010.

MOULAERT, F.; NUSSBAUMER, J. The Social Region. **European Urban and Regional Studies**, v. 12, n. 1, p. 45–64, 2005.

MOULAERT, F.; PARRA, C.; SWYNGEDOUW, E. Ciudades , barrios y gobernanza multiescalar en la Europa urbana. **EURE**, v. 40, n. 119, p. 5–24, 2014.

MULGAN, G. The Process of Social Innovation. **Innovations**, v. 8, n. 3, p. 145–162, 2006.

MUMFORD, M. D. Social Innovation : Ten Cases From Benjamin Franklin. **Creativity Research Journal**, v. 14, n. 2, p. 253–266, 2002.

NOVY, A.; HAMMER, E. Radical innovation in the era of liberal governance: The case of Vienna. **European Urban and Regional Studies**, v. 14, n. 3, p. 210–222, 2007.

NOVY, A.; LEUBOLT, B. Participatory budgeting in Porto Alegre: Social innovation and the dialectical relationship of state and civil society. **Urban Studies**, v. 42, n. 11, p. 2023–2036, 2005.

ONU. **Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/> . Acesso em: 21 abr. 2020

PAIDAKAKI, A.; MOULAERT, F. Does the post-disaster resilient city really exist? A critical analysis of the heterogeneous transformative capacities of housing reconstruction “resilience cells”. **International Journal of Disaster Resilience in the Built Environment**, v. 8, n. 3, p. 275–191, 2017.

PARÉS, M.; BONET-MARTÍ, J.; MARTÍ-COSTA, M. Does Participation Really Matter in Urban Regeneration Policies? Exploring Governance Networks in Catalonia (Spain). **Urban Affairs Review**, v. 48, n. 2, p. 238–271, 2012.

PETRINI, M.; POZZEBON, M. Integrating Sustainability into Business Practices : Learning from Brazilian Firms. **Brazilian Administration Review**, v. 7, n. 4, p. 362–378, 2010.

RAHMAN, T. The emergence of informal governance in neighborhood upgrading in Dhaka, Bangladesh. **Disp**, v. 47, n. 187, p. 70–81, 2011.

RODIMA-TAYLOR, D. Social innovation and climate adaptation: Local collective action in diversifying Tanzania. **Applied Geography**, v. 33, n. 1, p. 128–134, 2012.

SCOTT-CATO, M.; HILLIER, J. How could we study climate-related social innovation? Applying Deleuzian philosophy to Transition Towns. **Environmental Politics**, v. 19, n. 6, p. 869–887, 2010.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

SULEIMAN, L.; CARS, G. Water supply governance in Accra: Authentic or symbolic. **Water Policy**, v. 12, n. 2, p. 272–289, 2010.

SWYNGEDOUW, E. Governance Innovation and the Citizen: Face of Governance-beyond-the-State. **Urban Studies**, v. 42, n. 11, p. 1991–2006, 2005.

- TAYLOR, J. B. Introducing social innovation. **Journal of Applied Behavioral Science**, v.6, n.1, p. 69–77, 1970.
- TAŞAN-KOK, T. Entrepreneurial governance: Challenges of large-scale property-led urban regeneration projects. **Tijdschrift voor Economische en Sociale Geografie**, v. 101, n. 2, p. 126–149, 2010.
- VAN DER HAVE, R. P.; RUBALCABA, L. Social innovation research: An emerging area of innovation studies? **Research Policy**, v. 45, n. 9, p. 1923–1935, 2016.
- VILA FLORES. **Sobre o Vila Flores**. Disponível em: <https://vilaflores.wordpress.com/about/>  
Acesso em: 01 mar 2019.
- WAMUCHIRU, E.; MOULAERT, F. Thinking through ALMOLIN : the community bio-centre approach in water and sewerage service provision in Nairobi ’ s informal settlements. **Journal of Environmental Planning and Management**, p. 1–20, 2017.
- YIN, R.K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2005.